

Allyson Vieira

“Work Over Time”

15/08 – 25/09 2015

Mendes Wood DM is pleased to present the first solo show of American artist Allyson Vieira in Brazil. "Work Over Time" is a new body of sculptural work produced during her two-month residence in the city of São Paulo.

In this exhibition Vieira once again confronts the relationship between architecture and art and how each affects and situates itself in the construction of contemporary societies. An avid visitor of ancient sites, she presents us with sculptures that evoke structures of the past, yet are uncomfortably of the present.

The notion of time as an essential dimension of sculpture has long been a primary concern in Vieira's work. "Work Over Time" is a simple phrase that can be read in three distinct ways: To "work overtime" is to work extra hours, to perform additional labor beyond what one has been contracted for. The phrase "work, over time" describes the duration of the objects of human labor, highlighting the fact that all objects have four dimensions -- not merely three. Finally, "work over time," or "W/t" can be read as a part of the physics equation $W/t=P$, or "Work over Time equals Power."

A long-time resident of New York City, Vieira has seen the effects of globalization and the process of gentrification in the city firsthand. She observes the fast-paced rhythms of both New York's and São Paulo's ongoing verticalizations and lives among the New York's ever-multiplying demolition and construction sites. Her work balances on the edge between something being built and something being destroyed, between what once was and what is becoming. By occupying that liminal space, Vieira confounds our linear vision of time, uniting past and future in her objects, making the present an impossible place to be.

Vieira employs mundane construction materials in the local vernacular. Living and producing her works in the city where they are to be shown has become an essential element of her practice, allowing the urban character of each locale to permeate the works via materials, form, and process. For this exhibition she has produced her first two series of works in concrete: *Workers 1-7* and *Blocks 1-16*.

Workers 1-7 are concrete and steel works cast in cardboard tube forms commonly used for quickly and inexpensively casting load-bearing support columns. Vieira does not employ advanced or highly technical architectural means to create her works. Rather, they are made by hand using rudimentary techniques in an improvisational manner. Looking at Michel Gautherot's photos of the building of Brasília, one is struck by the seeming contradiction that "space age" buildings were made using the simplest materials: wooden forms, steel bars, poured concrete, and a massive supply of laborers, the evidence of whose hands was later erased through finishing. In the *Workers* there is no finishing, no magic. All the means of construction are visible, as are the effects of work on the body. The figures hang in tired contrapposto. Though made with rough materials the *Workers* have an almost fragile character, like bodies that can barely remain standing. They suggest "work" not only in its political and economic sense, but also as literal, physical exertion.

Blocks 1-16 are the same dimensions as the two most common concrete blocks used in Brazil and the United States. They are cast and carved from an amalgam of concrete and scrap material from the *Workers* and their *Block* predecessors, creating a muddled index of the exhibition's manufacture. Their materials are improvised and provisional; everything usable is reused. They sit on the floor, as the viewer towers over them; they are the blocks that build our buildings, but also the blocks that form our cities. As such, they are simultaneously the unit form and the whole -- material and architecture.

Between the *Blocks* and the *Workers* hangs a curtain of construction debris netting, *Over*. Ubiquitous in cities of growing towers, debris netting sheathes new construction in ghostly gauze, separating the messiness of work and workers from the city at large. Here, the netting passes through the door, dividing the two galleries into four spaces and the two bodies of work from each other. One must pass through the netting to access the second gallery. *Over* is the slash that separates the divisor from the dividend, a semi-permeable barrier that both pre- and proscribes interaction between them.

Allyson Vieira was born in Massachusetts in 1979. She lives and works in New York.

Her work has been presented internationally, including a recent museum solo show, *The Plural Present* at Kunsthalle Basel, Basel, Switzerland (2013), which traveled to Swiss Institute, New York (2013-14). Other international institutional presentations include the exhibition of finalists for the Future Generation Art Prize, PinchukCentre, Kiev, UA (2014-2015), and *Build On, Build Against*, with Stephen Ellis at Non Objectif Sud, Tulette, France (2013). In the U.S., her work has been featured *Remainder*, Philbrook Museum of Art, Tulsa, OK (2013), *A Handful of Dust*, Santa Barbara Contemporary Arts Forum (2013), *Configurations*, Public Art Fund, Brooklyn, NY (2012), *Lilliput*, The Highline, New York (2012), and *Knight's Move*, Sculpture Center, Long Island City, NY (2010). Vieira's work has also been included in shows at *The Sunday Painter*, London (2015), *Eleven Rivington*, New York (2012), *Klaus von Nichtssagend*, New York (2011), *Brown Gallery*, London (2009), and *179 Canal Street*, New York (2009). Her work has been covered by major publications, including *The New York Times*, *The New Yorker*, *Artforum*, *Frieze*, *Modern Painters*, *Architectural Record*, *Du*, and *Art in America*.

Allyson Vieira

“Work Over Time”

15/08 – 25/09 2015

A Mendes Wood DM tem o prazer de apresentar a primeira exposição individual da artista norte-americana Allyson Vieira no Brasil. “Work Over Time” é uma nova série de esculturas produzida durante a residência artística que a artista fez ao longo de dois meses na cidade de São Paulo.

Nesta exposição, Vieira confronta mais uma vez as relações entre arte e arquitetura e como cada uma afeta e se situa na construção das sociedades contemporâneas. Visitante ávida de sítios arqueológicos, ela nos apresenta esculturas que evocam estruturas do passado, embora estejam desconfortavelmente no presente.

A noção do tempo como dimensão essencial para a escultura sempre foi o assunto principal da obra de Vieira. “Work Over Time” é uma frase simples que pode ser lida de três maneiras diferentes: trabalhar além do tempo é trabalhar horas extras, trabalhar além do qual se foi contratado. A frase “trabalho, além do tempo” descreve a duração dos objetos do trabalho humano, evidenciando o fato de que todo objeto tem quatro dimensões, e não apenas três. Finalmente, “trabalho sobre tempo” ou T/t pode ser compreendido como parte de uma equação física $T/t = P$, ou “Trabalho sobre Tempo é igual à Potência”.

Residente da cidade de Nova York há muito tempo, Vieira observou os efeitos da globalização e do processo de gentrificação da cidade em primeira mão. Ela nota o ritmo acelerado da verticalização tanto de Nova York quanto de São Paulo e mora no meio da proliferação de canteiros de obras e demolições de Nova York. Seu trabalho situa-se numa linha tênue entre a construção e a destruição, entre o que já foi e o que está vindo a ser. Ao ocupar este limiar, Vieira confunde nossa visão linear do tempo, unindo passado e futuro em seus objetos, fazendo do presente um lugar impossível para se estar.

Vieira emprega materiais de construção comuns ao vernáculo local. Viver e produzir suas obras na cidade em que serão expostos tornou-se um elemento essencial de sua prática, permitindo que o caráter urbano de cada local permeie as obras através de materiais, formas e processos. Para esta exposição ela produziu suas duas primeiras séries de trabalhos em cimento: *Workers 1-7 (Trabalhadores 1-7)* e *Blocks 1-16 (Blocos/Quarteirões 1-16)*.

Workers 1-7 são obras de cimento e aço fundidas no formato de tubos de papelão comumente usados em colunas para suportar grande capacidade de carga de maneira rápida e barata. Vieira não emprega meios arquitetônicos avançados ou altamente técnicos para criar suas obras. Ao contrário, elas são feitas à mão, usando técnicas rudimentares de maneira improvisada. Observando as fotos da construção de Brasília de Michel Gautherot, nota-se a contradição do fato de que “prédios da era espacial” fossem feitos com os mais simples materiais: fôrmas de madeira, barras de aço, concreto armado, e uma enorme oferta de trabalhadores, cujas evidências manuais eram apagadas posteriormente pelo acabamento. Em *Workers* não há acabamento, não há mágica. Todos os meios de construção são aparentes, como os efeitos do trabalho no corpo. As figuras equilibram-se em *contrapposto*. Apesar de feita em material rústico, *Workers* tem uma

característica quase frágil, como corpos que mal se aguentam em pé. Sugere “trabalho” não apenas no sentido político e econômico, mas também no sentido literal, de esforço físico.

Blocks 1-16 tem as mesmas dimensões dos dois blocos de concreto mais comuns em construções no Brasil e nos Estados Unidos. Eles são moldados e talhados a partir de uma amálgama de concreto e material descartado de *Workers* e seus *Block* predecessores, criando um confuso mostruário da manufatura da exposição. Seus materiais são improvisados e provisórios; tudo o que é usável é reutilizado. Assentam-se no chão, e nós nos sobrepomos a eles. São os blocks-blocos que construíram nossos edifícios, mas também os blocks-quarteirões que formam nossa cidade. São ao mesmo tempo a forma unitária e o todo, matéria e arquitetura.

Entre *Blocks* e *Workers* pende *Over*, uma cortina de tela de canteiros de obras. Onipresentes em cidades onde não param de subir prédios, essas telas cobrem as novas construções com um véu fantasmagórico, separando a bagunça da obra e de trabalhadores do resto da cidade em geral. Aqui, a tela atravessa a porta, dividindo tanto as duas salas em quatro espaços, como também os dois corpos de trabalho. Não há como acessar a segunda sala sem o acesso através da tela. *Over* é a fenda que separa o divisor do dividendo, uma barreira semi-permeável que prescreve e proscreve interação entre eles.

Allyson Vieira nasceu em Massachusetts em 1979. Ela vive e trabalha em Nova York.

Sua obra já foi exposta internacionalmente, incluindo a exposição recente, *The Plural Present* na Kunsthalle Basel, na Basileia, na Suíça (2013), que foi itinerada ao Swiss Institute, em Nova York (2013-14). Outras mostras institucionais internacionais incluem a exposição dos finalistas do Future Generation Art Prize, no PinchukCentre, em Kiev, na Ucrânia (2014-2015), e *Build On, Build Against*, com Stephen Ellis na Non Objectif Sud, em Tulette, na França (2013). Nos Estados Unidos, seu trabalho integrou *Remainder*, no Philbrook Museum of Art, em Tulsa, OK (2013), *A Handful of Dust*, no Santa Barbara Contemporary Arts Forum (2013), *Configurations*, no Public Art Fund, no Brooklyn, NY (2012), *Lilliput*, no The Highline, em Nova York (2012), e *Knight's Move*, no Sculpture Center, em Long Island City, em Nova York (2010). A obra de Vieira também foi incluída em mostras na The Sunday Painter, em Londres (2015), na Eleven Rivington, em Nova York (2012), na Klaus von Nichtssagend, em Nova York (2011), na Brown Gallery, em Londres (2009), e na 179 Canal Street, em Nova York (2009). Seu trabalho apareceu em importantes publicações, incluindo o New York Times, a New Yorker, a Artforum, a Frieze, a Modern Painters, a Architectural Record, a Du, e a Art in America.